A poética sociológica de Medviédev e sua atualidade = Recensão a: Pável Nikoláievitch Medviédev. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica

Autor(es): Brito, Matheus de

Publicado por: Centro de Literatura Portuguesa

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/30017>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/2182-8830_1-1_16

Accessed : 26-Apr-2023 13:54:26

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

Revista do Programa de Doutoramento «Estudos Avançados em Materialidades da Literatura»

Vol. 1.1 (2013)

ISSN 2182-8830

‘Estranhar Pessoa com
as Materialidades da Literatura’

Orgs. Manuel Portela &
Osvaldo Manuel Silvestre

A Poética Sociológica de Medviédev e Sua Atualidade

MATHEUS DE BRITO

Universidade de Coimbra

Pável Nikoláievitch Medviédev. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*, Trad. Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo, São Paulo, Contexto, 2012, 269 pp. [1ª ed., Leningrado, Pribói, 1928]. ISBN 978-85-7244-725-6

O espírito de “escola” nunca foi realmente comum entre os críticos lusófonos. Uma das consequências disto seria o fato de entre nós não proliferarem, a despeito do prestígio de certas teorias, nem discursos em defesa de monólitos nem invectivas desesperadas contra fantasmagorias teoréticas. Explica-se com isso a demora em traduzir para português um texto como *O método formal nos estudos literários*? Este chegou aos EUA praticamente desde a descoberta do grupo de cooperação intelectual formado por figuras como Pável Medviédev, V. Volochinov e Mikhail Bakhtin – devido à proeminência deste ficando conhecido como “Círculo de Bakhtin” –, cujo processo de integração foi geralmente seguido com equivalente afã pela academia brasileira. De qualquer modo, curioso como o intervalo de quase quatro décadas entre a tradução americana (1974) e a brasileira (2012), o texto é dado “fundamental para os estudos de linguagem” no expediente anônimo das abas da presente edição.

A tradução a partir do russo (*Formálnyi miétod v literaturoviédenii*) é algo como um quiasmo realizado conjuntamente por Sheila Camargo Grillo, linguista eslavista que também assina o prefácio, e Ekaterina Vólkova Américo, cuja competência, além do russo como língua materna, é seu envolvimento com teoria da literatura e a semiótica da cultura. A apresentação redigida por Beth Brait, professora aposentada da USP que largamente se responsabiliza pela promoção do *bakhtinismo* no Brasil, contextualiza o trabalho na contemporânea vida acadêmica. O livro traz também, além dos textos de Brait e de Sheila Grillo, um breve comentário

sobre minúcias da tradução, o qual é assinado também por Ekaterina Américo. O prefácio “A obra em contexto: tradução, história e autoria”, além de explicar o trabalho (as fontes, o cotejo com outras traduções), discute substancialmente a autoria efetiva do texto, a qual – a despeito de “neutralmente” Grillo considerar impedida a “resolução da questão” (36) – é todo o tempo orientada no sentido de subscrever a autoria atribuída na bibliografia, assim se ocupando de refutar quaisquer posições favoráveis à de Bakhtin e reiterar as hipóteses que levem a concluir a favor de Pável Medviédév. O epílogo consiste numa nota biográfica de autoria de Iuri Pávlovitch Medviédév (Pávlovitch, *i.e.*, filho de Pável) e reforça-nos certo senso ético, memorial da autoria; segue-se, enfim, uma bibliografia por ele organizada.

Voltando às abas, duas perguntas podem fazer-se quanto à promessa de encontrarmos algo “fundamental” neste libelo antiformalista, algo que talvez tenha sido esquecido. A primeira procura a referência aos “estudos de linguagem” que se alicerçariam nela; fundamental para sanar o uso retórico de “fundamento” seria compreender que a única contribuição possível ao campo seria do tipo retroativo, desde já devido à histórica ausência do texto, mas também pelo seu caráter rudimentar em relação à atual pesquisa linguística. Hipótese a considerar-se é a de que o texto não se traduziu por – afora a escaramuça prometida na “crítica” anunciada no subtítulo – já não ser, sendo seu achado tardio em relação a desenvolvimentos ulteriores de alguns tópicos ali ensaiados, “substancial” para os estudos do discurso. Com isso, porque mais rudimentar que a obra de Bakhtin, cuja proeminência ofuscou os demais do “Círculo”, ele acabou por deixado para o fim da pauta acadêmica. Quanto à segunda perspectiva, concernente ela à dimensão menos literal da expressão (e menos anacrônica), esconjure-se a falta de convicção da retórica editorial com a consciência de que as várias considerações ensaiadas nesse texto compartilham da concepção “bakhtiniana” de linguagem, apresentando inflexões do que se consolidou como “teoria do enunciado concreto”. O que fundamentalmente já não interessa, isto é, o que não interessa para fins atuais ou efetivos dos estudos do discurso, contudo, não seria matéria senão da pré-história de um campo ou da história potencial de uma disciplina – e é essa leitura que talvez faça mais proveito hoje da obra de Medviédév. Acrescente-se a isso que a aba não assinada é uma colagem feita a partir da excelente apresentação, “A importância e necessidade de O método formal nos estudos literários”.

O caráter rudimentar do texto não se deve tanto a um atraso intelectual em relação ao “estado da arte”, é-lhe antes constitutivo. A obra explora sistematicamente as insuficiências do “método formal” (lê-se “formalismo russo” na maior parte dos casos) e quase acidentalmente formula algo para além dos expedientes deflagrados por essa violenta dialética – uma dialética meio empalidecida pela ciência marxista e que às vezes roça o programa cultural soviético com seu colorido de realismo socialista. Isto é quase

anunciado no subtítulo, por extenso: *Introdução crítica a uma poética sociológica*. A prova do “crime” ortodoxo vai da regra compositiva dos parágrafos-de-ordem – o estilo não raro monofrástico e sentencioso que se aproxima do também controverso *Marxismo e Filosofia da Linguagem* – à ordenação do texto como um todo, que às vezes se assemelha a uma cartilha: quatro partes, cada qual com dois ou três capítulos, cada um dos quais discutindo entre oito e quinze tópicos, normalmente havendo um saldo do discutido. Mas isto, contrariamente ao que se infere do apetite estilístico contemporâneo, é a *felix culpa* da teoria: o rigor serve-lhe de crivo para o ouro-de-tolo que doutra sorte passa por teoria.

Considerada em seu antídoto contra o formalismo, o destino da monografia na contemporânea teorização literária – ecoando a emergência da “era bakhtiniana” apresentada por Brait – é-lhe extremamente favorável. Embora se possa tratar do método formal (e do estrutural) como de um inimigo vencido, o espírito positivista que os chamou à vida nunca foi de todo extirpado das humanidades; assim, vale salientar a forma como Medviédev (ou Bakhtin) articula e discute os principais teoremas (ou dogmas) dos formalistas *ab ovo*, exigindo sua revisão sob um prisma materialista, histórico e sociológico. Ao estudante deste início de século, o livro coopera com o trabalho de realizar o saldo epistemológico dos estudos literários no século de sua quasi-cientificização, sem reduzir seus temas ao categórico “isto foi superado” com que às vezes a máquina educacional defrauda as expectativas acadêmicas. Antes mesmo de contribuições conceituais, que é o que se quer da teoria, o livro dá-nos a rica experiência de imersão num certo contexto intelectual, tornando *presentes* as implicações de tomadas de partido no campo simbólico da cultura; introduzir a “poética sociológica” por meio da crítica ao seu antípoda asseguraria de maneira consequente que a teoria não fosse deduzida de um sistema qualquer, mas dialética: produto e processo.

O pouco de fantasia histórica que nos é cobrado para superar o tédio estilístico e acompanhar a discussão é gratificante. É possível esboçar três modos de leitura de *O método formal*: linearmente, acompanha-se a apresentação em série de conceitos formalistas e de suas insuficiências, emergindo daí a anunciada “poética sociológica”; a modo de pesquisa informacional, pode-se ir à procura de versões protoconceituais de *dialogismo*, *cronótopo* e outros conceitos afins, comuns ao “Círculo”; pode-se, por fim, fingir o êmulo formalista e inquirir, num simulacro de *vendetta*, a “poética sociológica”, procurando pôr em evidência os pressupostos e compromissos epistemológicos assumidos, o seu *cui bono*. A primeira leitura é ineludível; as demais são formas de reelaborar o interesse pelo livro. Um exemplo de recuperação de informação dá-nos Brait ao resumir a concepção de gênero

na ideia de que a linguagem se materializa por meio de enunciados concretos articulando “interior” e “exterior, viabilizando a noção de sujeito histórica e socialmente situado (...) o gênero emerge da totalidade

concluída e solucionada do enunciado, que é o ato realizado por sujeitos organizados socialmente de uma determinada maneira. Trata-se de uma totalidade temática, orientada pela realidade circundante, marcada por um tempo e um espaço. (14-15, *itálicos da autora*)

O capítulo a que ela se refere, “Os elementos da construção artística”, é o terceiro da terceira parte, de título “O método formal na poética”. Como indica, essa parte pormenoriza o formalismo e seus conceitos, como linguagem poética, material e procedimento, fabulação, a conhecida parafernália que se apresenta nos cursos de Teoria desde os anos de 1970-80, com o *revival* do formalismo na república (brasileira) das letras. Previamente, ocupara-se Medviédév de introduzir “a ciência das ideologias e suas tarefas” (estudos da cultura, em amplo sentido), assim especificando num tom igualmente enfadonho o “Objeto e Tarefas dos Estudos Literários Marxistas”, título da primeira parte, e oferecendo uma perspectiva geral do formalismo na Europa Ocidental e na Rússia, na segunda parte. A última parte, já considerado o método, dedica-se à história da literatura e sua correlação à doutrina marcadamente a-histórica da epistemologia formalista.

Outro exemplo de recuperar o que já não é efetivo seria pensar o valor documental do livro e o que se pode inferir para uma história “possível” de uma área correlata. Aquilo a que *lato sensu* o autor se refere como “formalismo” (132-136) é a deficiência metodológica que por um lado consiste em pôr o objeto de estudo de uma vez por todas à parte do contexto total da cultura, ou ainda hipostasiar o estético *l’art pour l’art* no sistema da “linguagem” (134,162) e, por outro lado, em tomar parte na recusa ilimitada da psicologia da arte, o que, rejeitando o fato de que o psiquismo individual é uma inflexão de natureza histórico-social, acaba por criar uma objetividade “comprada à custa do sentido” (212). Formalismo é a autonomização do objeto, acompanhado da desreferencialização do sujeito; uma metafísica da forma significante de uma substância ausente. A teoria do “enunciado concreto”, aguilhão da resposta à insuficiência formalista, pensa a literatura na “mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e sua realidade concreta” (189) sem, por outro lado, incorrer na ilusão psicologista de que o processo de criação, subjetivamente mediado, seja restrito à esfera do indivíduo. Documento, seu compromisso é com a distância pregnante entre o universo social e a singularidade do sujeito, entre a experiência da língua e a percepção enraizada no *hic et nunc* determinado que os formalistas quiseram banir em nome da “objetividade”. A necessidade atual de *O método formal* tem a ver com esta consciência.

O que Medviédév sustenta, tanto a favor, quanto contra os formalistas, se ambos comungam inimizades, é uma teoria que se recuse à fixação do objeto à custa de sua vida na dinâmica da cultura. O problema é posto ao perguntar-se “como reunir, na unidade da construção artística, a imediata presença material de uma obra singular, seu aqui e agora, com a finita

perspectiva semântica dos significados ideológicos introduzidos nela” (181). A isto se responderia se se pudesse pensar um mediador que fosse parte “tanto da presença material da palavra quanto do seu significado e intermediasse a reunião da profundidade e abrangência do sentido com a singularidade do som pronunciado” (182). Noutras palavras, seria algo como a concepção aristotélica de *signo* enquanto correlação imediata entre concretude sensual e realidade do sentido.

Essa perspectiva rompe com a ideia da motivação arbitrária do signo, imprimindo-lhe o matiz da necessidade socio-histórica: “entre o sentido e o ato (enunciado), entre o ato e a situação concreta histórico-social, é estabelecida uma ligação histórica, orgânica e atual” (184). Isto obriga a considerar o material não como “entidade” mas como inseparável do evento de *écriture* da “avaliação social”, “essa atualidade histórica (...) que individualiza e concretiza o sentido e compreende a presença sonora da palavra aqui e agora” (184). A observação de que a expressão típica desse processo é a “entonação expressiva” remete-nos à esfera do assemântico, do *supra* ou *infra* segmental, que não se reduz à intenção direta de significar, mas de maneira oblíqua insere “ininterruptamente a obra literária no tecido geral da vida social de uma dada época histórica e de um dado grupo social” (188). Não se poderia considerar o mesmo sobre inflexões nos grafemas, a tipografia, convenções bibliográficas, o *design* na *web*?

Essa mediação entre a forma interna, historicamente sedimentada na palavra *qua* material, e a forma externa *tout court*, respeitante aos contextos de enunciação, refere-se à dialética do gênero sintetizada por Brait na apresentação. Importante a esse respeito é notar a recusa a uma noção de gênero como motivação “meramente estética” e frisar a consideração sobre o valor epistêmico das escolhas estilísticas mediante o processo cognitivo que as rege (198-200). Ao submeter, assim, o problema do “sentido” à esfera social a que o sentido pertence e, por fim, considerar a esfera das práticas indissociável de sua materialidade, sem decidir pelo primado de uma sobre a outra, sua crítica aos formalistas ia também de encontro à cartilha marxista e ao estalinismo cultural. Este, apesar de materialista, punha a consciência sob o primado espiritual do conteúdo; Medviédev, insistindo na dialética entre os meios materiais e as práticas sociais, não coadunava com a estabilidade que a ortodoxia exigiria.

A razão pela qual caiu no olvido pela primeira vez foi, sendo considerado – talvez por pensamentos como esses – inimigo do estado, seu fuzilamento pelo regime soviético. O fato de que Medviédev (ou Bakhtin?) assumiu de modo consequente o confronto epistemológico com o positivismo nas humanidades, cuja ruína se consolidou no século XX, garante que o estado “rudimentar” de sua obra, menos do que uma limitação, seja a oportunidade de desenvolver seu pensamento num sentido diferente do que até então foi fundamentalmente seu destino histórico.